

SALÃO DE FILATELIA AÇORIANA

23 de novembro a 2 de dezembro



Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro
Angra do Heroísmo



Ficha Técnica

Título:
Salão de Filatelia Açoriana

Edição:
Biblioteca Pública e Arquivo Regional
Luís da Silva Ribeiro

Coordenação:
Federação Portuguesa de Filatelia-APD

Revisão:
Biblioteca Pública e Arquivo Regional
Luís da Silva Ribeiro

Conceção gráfica:
Paula Silva

Capa:
Catarina Dantas

Tiragem:
500 exemplares

Novembro de 2017



Sumário

TEXTOS INSTITUCIONAIS	
Cláudia Cardoso	2
Francisco de Lacerda	5
Pedro Marçal Vaz Pereira	8
PROGRAMA	11
EXPOSITORES	12
UMA CARTA EXPEDIDA DE ANGRA DE 1597	14
Luís Frazão	
TOMÁS VAZ BORBA	18
Duarte Manuel Gonçalves da Rosa	
Edward Luíz Ayres d'Abreu	
UMA CARTA DE BRUXELAS PARA ANGRA DO HEROÍSMO – O Visconde de Bruges	22
Pedro Marçal Vaz Pereira	
CONFERÊNCIAS	24

Cláudia Cardoso

Diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro (BPARLSR)

2



Entre os dias 23 de novembro e 2 de dezembro a Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, em parceria com a Federação Portuguesa de Filatelia e os CTT-Correios de Portugal promovem o Salão de Filatelia Açoriana. É com franco entusiasmo que esta instituição se associa a um evento desta magnitude, no qual participam exclusivamente coleções que integram material respeitante aos Açores. No total, serão expostas coleções de natureza açoriana, num total de 39 quadros, pertencentes a 12 colecionadores. O valor do colecionismo é uma prática que envolve, como se sabe, muitos in-

interessados, convergentes em torno de uma investigação aturada da correspondência postal do arquipélago. Parceiro deste evento de projeção nacional, os CTT-Correios de Portugal, procederão ao lançamento de um inteiro postal, no dia 23 de novembro, aniversário do compositor Tomás Borba e data de inauguração da exposição, versando a comemoração do centésimo quinquagésimo aniversário do nascimento deste ilustre terceirense.

O padre Tomás Borba nasceu a 23 de novembro de 1867, na cidade de Angra do Heroísmo, mas viveu a maior parte da sua vida no continente, onde se notabilizou como músico e compositor, de pendor didático, francamente dedicado à vertente infantil. A Biblioteca tem promovido ao longo deste ano diversas atividades que assinalam esta efeméride e que culminarão com o lançamento deste inteiro postal, seguido de uma conferência proferida pelo Senhor Professor Rui Vieira Nery, e por um grande concerto de música coral, a realizar a 26 de novembro, na Sé Catedral de Angra. A Exposição do Salão Filatélico será complementada com três conferências sobre a história postal dos Açores, e por um programa de visita guiada à exposição especialmente direcionado para a visita de grupos escolares.

Julgamos estarem reunidas todas as condições para que este evento seja bem-sucedido. Termino agradecendo de forma destacada ao Senhor Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia, Dr. Pedro Vaz Pereira, o repto que nos lançou para que acolhêssemos este evento, e a forma dedicada e cordata com que pautou estes meses de trabalho conjunto.

A todos vós deixamos o repto de que visitem e apreciem o valor deste Salão de Filatelia Açoriana que contribui definitivamente para o enquadramento e o reconto de pedaços da nossa História coletiva que a todos deve convocar e agregar.

Francisco de Lacerda

CEO – CTT Correios de Portugal

Foi o sacerdote Tomás Borba um notável músico e compositor que exerceu a sua atividade em Lisboa na última metade do século XIX e início do século XX, embora tenha nascido na Ilha Terceira dos Açores.

O seu maior contributo para a musicologia nacional encontra-se ao nível da atividade notabilíssima como professor e pedagogo, primeiro no Conservatório de Música de Lisboa e depois na Academia dos Amadores de Música. Nestas funções foi mestre de personagens tão importantes na história da música em Portugal como Fernando Lopes-Graça, os irmãos Luís e Pedro Freitas Branco, e Ivo Cruz, para nomear apenas alguns.



Ressalva-se o facto curioso de ter sido coevo de outro grande músico açoriano, Francisco de Lacerda, também conhecido por Maestro Lacerda. Este nasceu em 1869, na freguesia da Ribeira Seca de S. Jorge. Tomás Borba em 1867, na freguesia de Conceição de Angra do Heroísmo.

Ambos estudaram em Angra do Heroísmo, Tomás Borba no enquadramento da vida religiosa que escolhera, Francisco de Lacerda seguindo estudos seculares no Liceu de Angra. E rumaram depois a Lisboa para os estudos superiores.

Encontraram-se de novo no Conservatório Nacional, então Real Conservatório de Música.

Francisco de Lacerda tinha sido logo em 1891 nomeado professor de piano, e Tomás Borba, já presbítero, entrou no Conservatório para estudar piano em 1890, tendo sido aluno de Lacerda, apesar de ser mais velho dois anos.

Dez anos mais tarde Tomás Borba foi nomeado professor de Harmonia. E ainda mais tarde iniciou o ensino da História da Música na mesma casa. Que nunca mais abandonou até se reformar.

Francisco de Lacerda, ao invés, iniciou uma ilustre carreira internacional de maestro e compositor só interrompida pela doença prolongada que causou o seu falecimento, em 1934.

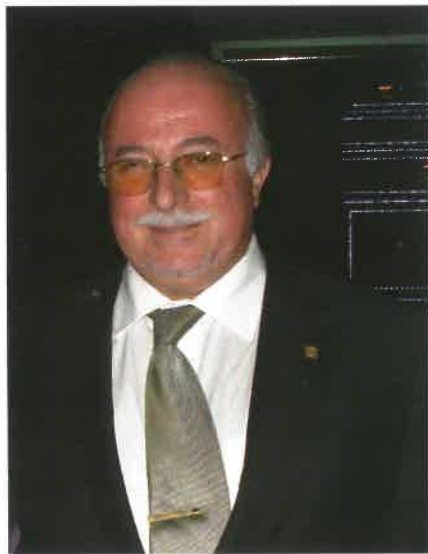
Esta notável coincidência dos percursos formativos de Tomás Borba e Francisco de Lacerda foi não só muito curiosa de assinalar aqui como pessoalmente também muito gratificante, dado Francisco de Lacerda ser meu bisavô.

Os CTT Correios de Portugal dedicam, em 2017, um Postal Inteiro à comemoração dos 150 anos de nascimento de Tomás de Borba, homenageando o notável musicólogo e pedagogo. E, na pessoa dele, pretendem igualmente saudar os Açores, berço de tantas mulheres e homens notáveis em todos os domínios, sem esquecer a música, talvez a mais generalizada prática cultural em forma de arte que se conhece.

Pedro Marçal Vaz Pereira*

Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Filatelia

8



T

odo o material postal das ilhas dos Açores é de uma grande raridade.

Os Açores eram habitados em meados do século XIX, por 233.409 habitantes, sendo 108.595 do sexo masculino e 104.814 do sexo feminino.

Cerca de 90% destes habitantes eram analfabetos. Para além disso as distâncias naqueles tempos eram enormes, com os habituais problemas do transporte da correspondência.

Depois para baralhar tudo isto, os correios decidiram criar valores postais para os distritos de Angra, Horta e Ponta

* Por vontade expressa, o autor não adopta a ortografia do Novo Acordo Ortográfico.

Delgada. Para piorar, portes e material postal circulante diferentes, para correspondências enviadas entre ilhas, para o Continente, Europa e resto do mundo.

Assim os açorianos não respeitando muitas vezes as directivas dos correios portugueses o que era para a Europa enviavam para a América e vice-versa, fazendo dos portes muitas vezes tábua rasa.

Assim o material dos Açores é excelente, para se aprofundar os estudos de história postal.

Esta a razão de existirem excelentes colecções de material dos Açores, tanto de História Postal, Inteiros Postais e de Tradicional.

Com a abertura do novo espaço da Biblioteca de Angra do Heroísmo, Dr. Luís da Silva Ribeiro, nasceu a ideia de se realizar neste novo e nobre recinto um Salão Filatélico, onde a nata de estudos da filatelia açoriana, fosse apresentada precisamente aos açorianos. Nestes últimos incluímos os jovens açorianos, que irão passar durante 6 dias pelo espaço da exposição.

O Professor Rui Vieira Nery vai realizar uma conferência, sobre esse grande vulto açoriano, Tomás Borba, e os CTT-Correios de Portugal emitirão um bilhete postal comemorativo do salão e dedicado a Tomás Borba.

Conseguiu-se então reunir, todas as forças culturais vivas, Biblioteca, Correios e Federação, para levar aos Açores um pouco da sua riquíssima história postal e desta forma promover a filatelia junto dos açorianos, mostrando-lhes a riqueza da mesma.

Para completar, a FPF irá realizar um ciclo de conferências, sobre a história postal açoriana.

Na realidade, os Açores irão ser a capital da filatelia, de 23 de Novembro a 4 de Dezembro.

Termino agradecendo à Biblioteca de Angra do Heroísmo Dr. Luís da Silva Ribeiro, e à sua Directora, Dr.^a Cláudia Cardoso, pela sua imediata adesão a esta iniciativa, aos CTT-Correios de Portugal pelo total apoio dado ao evento, e aos filatelistas portugueses que logo se prontificaram a apresentar as suas colecções, assim que convidados.

Irá haver filatelia ao mais alto nível em Angra do Heroísmo, para todos os açorianos.

O meu bem haja a todos.

P R O G R A M A

23 Nov.	15h00 – Intervenção da Diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, Dr.^a Cláudia Cardoso Intervenção do Presidente da FPF, Dr. Pedro Marçal Vaz Pereira Intervenção do Diretor da Direção de Filatelia dos CTT, Dr. Raul Moreira 15h30 – Lançamento pelos CTT do Bilhete Postal alusivo a Tomás Borba 16h00 – Conferência do Professor Doutor Rui Vieira Nery de homenagem a Tomás Borba <i>Tomás Borba e a viragem para a modernidade na música portuguesa</i> Inauguração do Salão de Filatelia Açoriana
24 Nov.	18h00 – Conferências João Soeiro <i>O Correio Aéreo Transatlântico – Sua relação com os Açores</i> Luís Frazão <i>Temas de história postal pré-adesiva dos Açores</i>
25 Nov.	18h00 – Pedro Marçal Vaz Pereira <i>O Correio dos Açores no período monárquico</i>
27 Nov. a 2 Dez.	10h00-12h30 15h30-17h00 Pedro Vaz Pereira Trabalho com a Juventude: visitas guiadas com as escolas

Expositores

MANUEL VIEIRA GASPAR

- *Um açoriano, um investigador, um homem da Filatelia de Portugal – Homenagem da Federação Portuguesa de Filatelia*

COLEÇÃO CTT CORREIOS DE PORTUGAL/FUNDAÇÃO PORTUGUESA DAS COMUNICAÇÕES

- *Açores – Desenhos Originais e Provas Gráficas*

1	ANTÓNIO CRISTÓVÃO	
	■ <i>Camilo Castelo Branco sobretaxa Açores</i>	1 quadro
2-9	BENTO GROSSINHO DIAS	
	■ <i>Marcofilia dos Açores</i>	8 quadros
10-17	CLAUDINO PEREIRA	
	■ <i>Açores Sobrecargas de Selos do Continente</i>	8 quadros
18	EDUARDO BARREIROS	
	■ <i>1.ª Guerra Mundial nos Açores</i>	1 quadro
19-21	JOÃO SOEIRO	
	■ <i>Açores Selos da Independência</i>	3 quadros

22	JOÃO SOEIRO	
	■ <i>Correio Aéreo dos Açores</i>	1 quadro
23	JOÃO VIOLANTE	
	■ <i>Santo António de Infante D. Henrique – sobretaxa Açores</i>	1 quadro
24-25	JUSTINO CRUZ	
	■ <i>Os Açores na Filatelia a partir de 1980</i>	2 quadros
26	LUÍS BARREIROS	
	■ <i>Pré-Filatelia dos Açores</i>	1 quadro
27-28	LUÍS FRAZÃO	
	■ <i>Inteiros Postais Vasco da Gama dos Açores</i>	2 quadros
29-34	PEDRO VAZ PEREIRA	
	■ <i>Inteiros Postais dos Açores</i>	6 quadros
35	PEDRO VAZ PEREIRA	
	■ <i>Carimbos Nominativos dos Açores</i>	1 quadro
36-37	RAÚL LEITÃO	
	■ <i>Bilhetes-postais dos Açores</i>	2 quadros

Uma carta expedida de Angra de 1597*

Luís Frazão

RDP – Roll of Distinguished Philatelist | FRPSL – Fellow of the Royal Philatelic Society of London

14

Ao amável convite feito pela Federação Portuguesa de Filatelia de participar numa mostra/colóquio filatélico em Angra do Heroísmo, o que desde logo aceitamos, veio-se juntar a possibilidade de escrever um pequeno artigo dedicado à História Postal dos Açores. Muito tem sido publicado sobre temas específicos da filatelia açoriana, pelo que a escolha recaiu sobre um tema da época do Correio-Mor do Reino.

Sobre este começaremos por apresentar a imagem do documento postal, fazer a descrição do mesmo e as considerações de natureza histórico-postal que estão envolvidas.

* Por vontade expressa, o autor não adopta a ortografia do Novo Acordo Ortográfico.

Uma carta expedida dos Açores em finais do século XVI

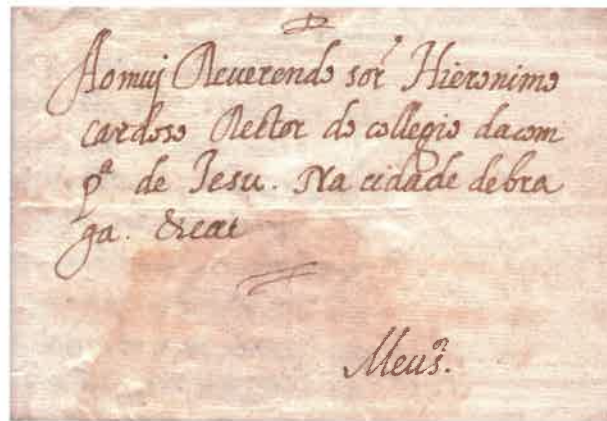


Figura 1

Angra, 22 de Julho de 1597, para Braga.

Ao muy Reverendo Senhor Hieronimo Cardoso, rector do Collegio da Comp^a de Jesu. Na cidade de braga.

Na figura 2 apresenta-se a missiva da carta, numa caligrafia e ortografia perfeitamente legível 420 anos depois de ter sido escrita.

Cartas do século XVI, independentemente do local onde são escritas e para onde foram remetidas, são documentos de indiscutível raridade. Além de terem sobrevivido mais de 400 anos, acresce que, daquele tempo, a maioria dos documentos postais que se conhecem são de natureza oficial, e encontram-se nos arquivos nacionais. As restantes missivas são de instituições como as Misericórdias, algumas de ordens religiosas, e algumas missivas de particulares, de que a presente carta é um exemplo.

Trata-se de uma carta escrita em Angra do Heroísmo, nos Açores, pelo pai do Padre Roiz, falecido em Madrid, e pela qual este faz saber ao superior da Companhia de Jesus em Braga quais as vontades de seu filho, que certamente têm a ver com o Colégio da Companhia de Braga.

Nada permite, pela análise da carta, saber como viajou até ao continente, se entrou por Lisboa ou por outro porto nacional, que porte terá sido cobrado.

Do pouco que sabemos sobre a organização e funcionamento da instituição postal em Portugal,

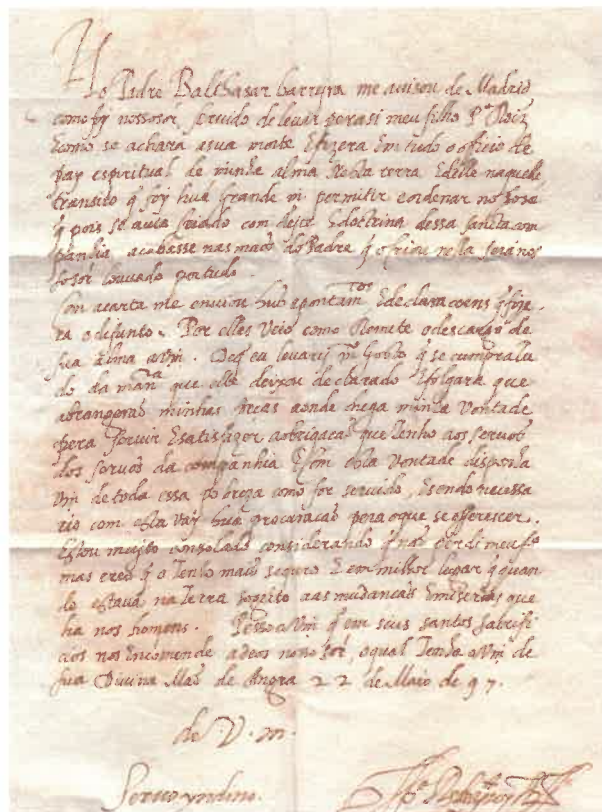


Figura 2 O interior da carta



■ Figura 3 ► Imagem do Rossio

criada por D. Manuel em 1520, da responsabilidade e rentabilidade do Correio-Mor do Reino podemos imaginar o cenário desta missiva.

Depois de escrita em Angra, e dado que nos Açores não havia assistente do Correio-Mor a quem a mesma pudesse ser confiada, foi entregue a bordo de um dos navios que dali se dirigissem para o continente, com o pedido (e eventual gratificação ao transportador) de ser levada até Lisboa(?) e aí ser entregue ao cuidado do Correio-Mor que a faria seguir até ao seu destino.

Neste ano de 1598, era Correio-Mor do Reino Manuel de Gouveia que desempenhou o cargo de 1579 a 1598, auferindo um vencimento mensal de

20.000 reis. Refere Godofredo Ferreira, no seu livro “**Dos Correios-Mores do Reino aos administradores Gerais dos Correios e Telégrafos**” publicado em 1941, que o Correio-Mor tinha o seu escritório no Rossio.

Refere ainda aquele ilustre historiador postal que naquela época havia correio regular ou *ordinário* que saía em dias certos e tinha itinerário fixo, assim como o *extraordinário*, para o serviço do Rei e dos particulares, que partia quan-

do era necessário e que funcionava nos moldes da carta régia de 1525. Sabemos ainda que havia um ordinário por semana para a Beira e Douro, e um ordinário por mês para Espanha, França, Flandres e Itália.

Do modo como as cartas eram transportadas, sabe-se que viajavam *empanadas*, isto é, em maços de correspondências cosidas num pano que os Correios-Mores trocavam entre si, e depois distribuíam aos destinatários, arrecadando os portes dos expedidores.

Em finais do século XVI existiam em Portugal delegados do Correio-Mor em Coimbra, no Porto,

em Braga e em Aveiro, enquanto que para o Alentejo se teve de esperar por 1605 para a nomeação de um correio assistente em Elvas.

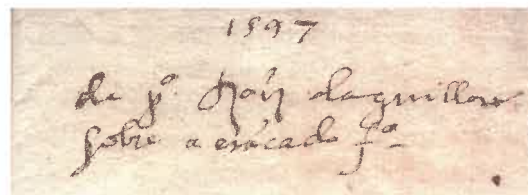
Dos regulamentos de 1520 e 1525, retiramos os dados mais relevantes:

1. O Correio-Mor devia residir em Lisboa;
2. Ter os *correios* necessários para atender às viagens que lhe fossem requisitadas pelo Rei ou pelos particulares;
3. Ajustar com os interessados o preço dos portes da correspondência, segundo a distância e a rapidez da entrega;
4. Estabelecer “*cavalos da posta*”, nos lugares julgados mais convenientes.

Voltemos então agora à nossa carta, escrita em Angra a 22 de Julho de 1597. Uma vez chegada a Lisboa, e com o navio fundeado em frente ao cais da Ribeira, terá sido transportada para o escritório do Correio-Mor, no Rossio, e com este ajustado o preço do seu transporte, pelo “ordinário” para Braga. Não se conhece nenhuma tabela de portes aplicada pelos serviços do Correio-Mor, mas pela análise dos portes aplicados, este parece ser de “um cruzado”, isto é, 20 reis para uma carta simples. Caso esta fos-

se pesada, e neste caso sabemos que continha uma procuração, pode o seu porte ter sido o dobro.

Estes portes raramente aparecem inscritos nas cartas, e quando tal acontece sempre com a letra do expedidor. Terá assim sido pago 20 ou 40 reis de porte, tendo seguido para Braga, onde foi recebida em 1597, infelizmente sem indicação do dia e do mês, tal como se pode ver pela inscrição do destinatário.



Com este método se manteve a comunicação postal entre os Açores e o Reino até 1798, quando, pela publicação do decreto da Criação dos Correios Marítimos, se estabeleceu comunicação regular com o arquipélago, com portes definidos em função do peso das cartas, transportadas pelos paquetes correios marítimos ou por qualquer outra embarcação que para as Ilhas se dirigisse ou de lá voltasse ao Reino.

Tomás Vaz Borba

Duarte Manuel Gonçalves da Rosa

Edward Luíz Ayres d'Abreu

18

Tomás Vaz de Borba nasceu a 23 de novembro de 1867, em Angra do Heroísmo.

Em 1880, sendo moço-cantor da Sé da Catedral de Angra e aluno da respetiva Clastra, ingressa no Seminário Episcopal de Angra, onde realiza os estudos teológicos que termina em 1890, ano em que foi ordenado presbítero.

Em 1891, parte para Lisboa a fim de estudar no Conservatório Real. Cursou piano com Francisco de Lacerda, e composição com Frederico Guimarães e Eugénio Ricardo Monteiro de Almeida.

Concluídos os estudos, em 1895, apresenta-se como compositor, sendo estreada uma missa da sua autoria, para solistas coro e orquestra, na Igreja dos Mártires, perante a família real.

Em 1895, termina também o Curso Superior de Letras, onde estudou, entre outras cadeiras, *Filosofia Moderna*, *Sânscrito* e *Literatura e Filosofia Védicas*.

A sua atividade docente inicia-se em 1911. Foi professor de Harmonia, História da Música (disciplina criada por sua iniciativa), Literatura Musical, Canto Coral e Português, no Conservatório de Lisboa, onde exerceu também os cargos de Bibliotecário, Conservador do Museu e Diretor interino. Ademais, lecionou Música no Liceu Nacional de Maria Pia de Lisboa e na Escola Normal Primária de Lisboa, onde introduziu, através das suas famosas canções de gestos, a Ginástica Rítmica. Dirigiu os orfeões do Liceu da Lapa e o do Liceu Pedro Nunes; formou e dirigiu coros com crianças dos bairros pobres de Lisboa. Foi Diretor Artístico e

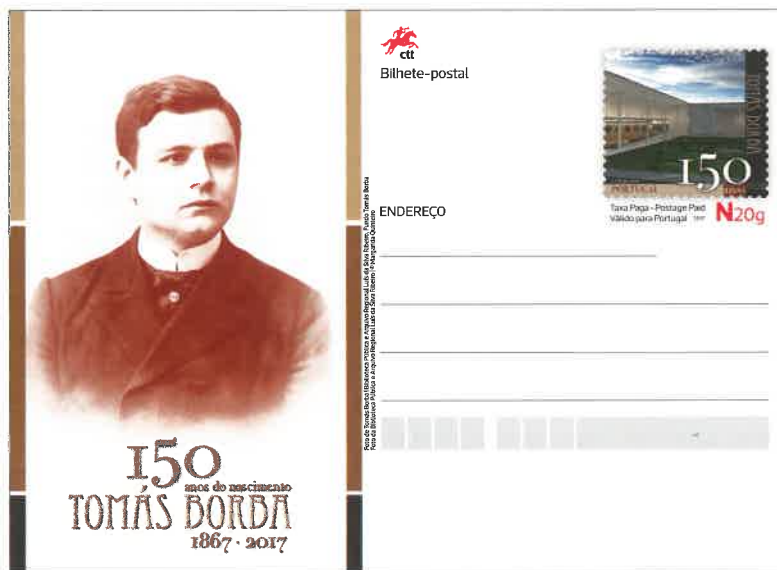
professor da Academia de Amadores de Música de Lisboa.

Por diligências suas, estabeleceu-se em Portugal o ensino do solfejo entoado que já se vinha operando nos países mais desenvolvidos da Europa.

Compôs música sacra – destacando-se o *Tê Deum* para as comemorações do IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia –, canções eruditas de câmara, música para piano, para harpa, música de câmara, pequenas operetas infantis, canções para a poesia trovadoresca galaico-portuguesa, tendo realizado também uma numerosa recolha de música popular nacional. Todavia, o género a que se dedicou com mais afinco foi à música para a educação musical nas escolas, elaborando os primeiros programas e manuais para o Canto Coral nas escolas.

Entre os muitos cargos que desempenhou destacam-se: Vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, Presidente do Conselho Musical do

Sindicato Nacional dos Músicos, Diretor do Montepio Filarmónico, Presidente da Assembleia-geral e do Conselho Musical da Associação de Classe dos Músicos Portugueses, membro da Comissão de Educação Artística da Junta de Educação Nacional, da Comissão de Catalogação da Inspeção-Geral das Bibliotecas e Arquivos, da Comissão de Apreciação de Livros da Direção-Geral do Ensino Superior



e das Belas-Artes, da Comissão para o Estudo do Direito de Representação, Execução, Radiodifusão, Fonocinematografia e Reprodução Músico-mecânica. A nível eclesiástico integrou a colegiada da igreja de Nossa Senhora dos Mártires, como regente do coro, e foi Comissário da Ordem Terceira do Carmo.

Encontrou-se com Francisco Lacerda, na Suíça, em 1912. Desse encontro deu testemunho no n.º 90 de *Eco Musical*, dizendo que aquele que era conhecido pelo seu talento e «pela vervezinha cáustica, mordaz e tão crua às vezes, tão crua, tão crua, que até fazia medo», enfileirara na ala dos novos, capitaneados por Vincent d'Indy, que juravam guerra sem descanso e sem tréguas aos velhos dogmas da arte. Borba rejubilou por saber que Lacerda havia sido escolhido para diretor da Orquestra de Marselha, entre cerca de vinte concorrentes, por indicação de d'Indy. O seu antigo professor de piano, além de português, era, como Borba, «um ilhéu genuíno, filho dos Açores e herdeiro por consequência, de todas as qualidades e defeitos desse povo austero e bom, que o mar isolou e, com o ciúme feroz de um feiticeiro eunuco, adormenta ao ritmo embalador de suas cantigas».

Em 1922, sobre o contestado reingresso de Lacerda no corpo docente do Conservatório Nacional, Borba recorda que aquele não havia sido demitido do lugar de professor, e lembra, ao Diretor-Geral de Belas-Artes, as mais brilhantes qualidades artísticas do músico jorgense, e que muito tinha a lucrar o Conservatório Nacional com o «reingresso do distinto professor no seu corpo docente, onde virá honrar-nos com o mais alto prestígio de que goza no estrangeiro».

De entre os seus discípulos destacam-se Luís de Freitas Branco, António Fragoso, Fernando Lopes-Graça, Francine Benoit, etc. Esta última salienta a abertura ao moderno e a tolerância, que permaneceram imutáveis no percurso humano, profissional e espiritual de Borba: nunca se deixou levar pelo movediço, não estagnou, pelo contrário, «foi firme benevolente e leal, aceitando os desafios, as alegrias, o sofrimento e a paz que caracterizam os homens de boa vontade».

Faleceu em Lisboa, a 12 de fevereiro de 1950.

Como lembra Ana Luísa Paz Fernandes na sua investigação historiográfica sobre o ensino vocacional de música português entre 1868 e 1930, o movimento de expansão da edição de manuais de

canto coral para escolas primárias e secundárias a partir de 1908 é «de longe liderado por Tomás Borba».

A enorme dimensão do seu trabalho merece um estudo especializado, e seria útil perguntarmos se não valeria a pena reaproveitar a sua obra pedagógica no ensino musical contemporâneo.

O fito pedagógico da obra borbiana é existencialmente consubstancial à sua música. Não será também, contudo, matricialmente pedagógica a vontade de escrever canções sobre os mais diversos poetas de língua portuguesa? A compor canções de gestos ou canções de câmara, «música para crianças» ou «música para adultos», Tomás Borba via na arte musical uma possibilidade inestimável de o homem educar-se e superar-se. À luz desta perspetiva, compor seria, para o mestre angrense, uma missão civilizadora — missão especialmente sensível em contexto português, onde o ensino público e generalizado da música tão lenta e incipientemente se vinha estimulando desde meados de oitocentos...

É de esperar que as novas gerações ousem perscrutar os tesouros legados por Tomás Borba: as suas partituras integram-se notavelmente em fenó-

menos incontornáveis da história da música portuguesa, são testemunhos eloquentes de um período fortemente ancorado em valores nacionais de renovação e de desenvolvimento, constituem um esforço muito para apreciar e aplaudir na senda da criação e fortalecimento de uma música erudita em língua portuguesa, honram exemplarmente os mais sérios preceitos técnicos do ser-se compositor e pedagogo na sua geração, ao passo que se abrem à novidade com espírito curioso e informado. Não se vislumbra qualquer justificação que explique, racionalmente, à luz da nossa contemporaneidade cada vez mais cansada de cânones — a que muitos músicos, programadores e investigadores ainda se prendem rotineiramente por via de hábitos e preconceitos —, o emudecimento de repertórios por diversas razões marginalizados ao longo dos tempos.

Tudo o vento varreu, escreveria Antero de Quental, comporia Tomás Borba... mas não há porque levar a poesia ao pé da letra nem a música ao pé de uma armação de clave. São maiores do que isso as criações destes dois autores. Sensível e perspicaz, a obra musical de Tomás Borba aguarda um vento que a sobre por onde o vácuo intelectual não impere ainda.

Uma carta de Bruxelas para Angra do Heroísmo

O Visconde de Bruges*

Pedro Marçal Vaz Pereira

Em 9 de Dezembro de 1866, o filho do Visconde de Bruges encontrava-se em Bruxelas na Bélgica.

Escreve então a seu pai, que se encontrava em Angra do Heroísmo, informando-o que decidiu não seguir na *chalupa do Castro* porque *neste tempo seria uma imprudência e não havendo outro navio maior para a 3ª de Londres, tomou a resolução de ir por via de Lisboa o que bem mêm custa* Assina a carta Jácome.

Este título de Visconde de Bruges foi criado pelo Imperador do Brasil D. Pedro, no ano da graça de Deus de 1832, estávamos em 8 de Dezembro. Este título é criado em nome da futura rainha D. Maria II, ainda menor nessa altura.

O primeiro visconde foi Teotónio de Ornelas Bruges de Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra.

* Por vontade expressa, o autor não adopta a ortografia do Novo Acordo Ortográfico.

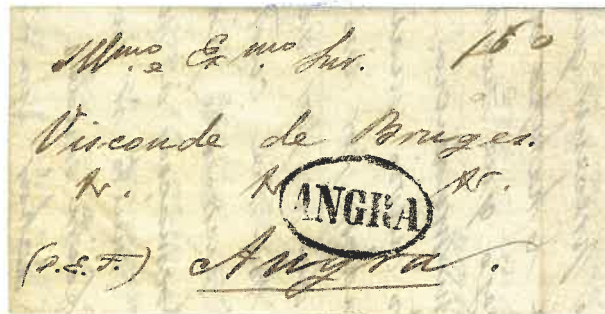


Figura 1
Carta enviada de Bruxelas para Angra em Dezembro de 1866, com um porte de correio marítimo de 160 reis.

Em 1863 o rei D. Luís I criaria o título de Conde da Vila Praia da Vitória, entregando-o ao Visconde de Bruges, tornando-se este o seu primeiro Conde. O seu filho seria o 2.º Visconde de Bruges e Conde da Praia da Vitória.

Teotónio de Ornelas nasceu em Angra do Heroísmo, no Palácio de Santa Luzia em Abril de 1807 e morreria em Outubro de 1870, na sua Quinta da Estrela, na Freguesia de São Pedro de Angra.

Foi um dos homens mais brilhantes da Terceira e de Portugal. Desde muito jovem que fez parte do movimento liberal na Terceira, tendo participado em 22 de Junho de 1828 no golpe que o Batalhão de caçadores nº 5, sediado no Forte de S. João Baptista no Monte Brasil, levou a cabo, impondo o liberalismo na Ilha Terceira.

Foi Presidente da Câmara de Angra diversas vezes, Deputado às Cortes de 1834 a 1836, Par do Reino em 1 de Outubro de 1835, Administrador Geral do Distrito de Angra do Heroísmo durante a guerra da Patuleia, Presidente da Junta Governativa de Angra e foi ainda uma figura destacada da Maçonaria. Grande benemérito criou muitas escolas e asilos e muitas outras instituições de beneficência.

Foi então esta carta expedida por correio marítimo da Bélgica para a Ilha Terceira, nos Açores. Paga um porte de correio marítimo de 160 reis e à sua chegada a terras açorianas, é-lhe colocado o carimbo de chegada **ANGRA**.

Contudo no canto inferior esquerdo, pode-se ver escrito o seguinte: (P.E.F.). Tudo indica que esta carta era para ser transportada em mão, **Por Especial Favor**, mas por qualquer motivo o não foi, tendo sido lançada no correio na Bélgica e seguido o seu percurso normal. É na realidade um belo exemplar de história postal açoriana.

*Bruxelles 1 de Dezembro de 46.
Meu Caro Papá,*

*Ultimamente lhe tinha escrito
para o precaver que deveria vir
ir pela 1.ª etapa do 1.º posto, po-
rém vejo que neste tempo seria
uma imprudência, e não havien-
do outro meio maior para a 3.ª
de Londres, por via da 1.ª etapa,
e que tem uma curta pois até à
d'aqui encaminho para lá pedindo
de informações a meu respeito.
Desejo muito ir encontrar o Papá
de perfeita saúde.*

*Espero achar em Lisboa ou o
Lisboa ou o Eliza ou o Des-
pacho, o 1.º que subo depois de dia
22, assim ha, se Deus quiser
Pois d'aqui no dia 14
sou seu Filho que muito o esti-
ma e respeito Jacome.*

Figura 2
Texto da carta do futuro 2.º Visconde de Bruges e Conde da Praia da Vitória. Repare-se no tratamento nada habitual para a época de Meu Caro Papá.

Conferências

■ 23 de novembro de 2017, às 16 horas:

- RUI VIEIRA NERY *Tomás Borba e a viragem para a modernidade na música portuguesa*

■ 24 de novembro de 2017, às 18 horas:

- JOÃO SOEIRO *O Correio Aéreo Transatlântico – Sua relação com os Açores*
- LUÍS FRAZÃO *Temas de história postal pré-adesiva dos Açores*

■ 25 de novembro de 2017, às 18 horas:

- PEDRO VAZ PEREIRA *O Correio dos Açores no período monárquico*

et consilium

et Salomão



BIBLIOTECA PÚBLICA
E ARQUIVO REGIONAL
LUÍS DA SILVA RIBEIRO

BIBLIOTECA



ASSOCIADA

